

INTERVENÇÕES
CORPOREIDADES LIMINARES
UMA PALESTRA-PERFORMANCE
LIMINAL EMBODIEMENT
A PERFORMATIVE LECTURE

Tania Alice, PPGAC/NEPAA, UNIRIO



Expressão facial conferencista Julie Amanty momentos antes da apresentação (2013)
Foto: Tania Alice

Caros espectadores e talvez amigos, boa tarde¹.

Primeiro, gostaria de agradecer muitíssimo por terem me convidado para este evento importante nesta cidade maravilhosa que é o Rio de Janeiro.

Mesmo que eu não veja a cidade e que ela não me veja, é um prazer incomensurável sentir a energia tão especial desta cidade e de seus moradores, tão generosos e abertos.

Sinto uma radiação energética nessa cidade que não consegui perceber em nenhuma das cidades pelas quais passei ultimamente – nem em São Francisco, nem em outros países da Europa para os quais fui convidada. Além dos problemas sociais, da insegurança e da inflação, percebo uma energia maravilhosa que realmente conduz ao fato de eu não estar arrependida de ter vindo.

Eu gostaria também de agradecer os organizadores deste evento que nos une em volta de assuntos tão caros a nós todos e que nos unem além das fronteiras artificiais que separam nossos países e nossos corpos.

Meu nome é Julie Amanty², sou artista-pesquisadora em Paris VIII e desde minha pesquisa de Doutorado, me interesso pelas corporeidades liminares. Qual é a densidade do nosso corpo? Seu peso de verdade? Quais são os segredos que emanam de nós, além das aparências? Quais são as ficções contadas por nossas células, nossa pele, este espaço do entre, fina fronteira que separa o interno do externo, a realidade da ficção?

Estas são algumas das questões que foram o ponto de partida da pesquisa que iniciei faz alguns anos agora.

Eu sou francesa e como vocês devem saber, a França é um país regido por uma cultura baseada na produção de sentido. Nosso país é o berço do racionalismo, que por sua vez, engendrou o Classicismo. Nosso país é o país de Descartes – mesmo se sabemos que o Descartes que conhecemos hoje não existe – mas este não é meu assunto hoje.

¹ No dia da palestra, Julie Amanty foi representada pela atriz e pesquisadora GenevièveLodovici.

² No francês, “Julie Amanty” é homônimo de “Julie a menti”, ou seja “Julie mentiu”.

Há muito tempo já, a arte contemporânea ultrapassou a época das regras clássicas, das regras de uma forma geral, incluindo nelas as regras ditadas pela Modernidade e que consistem em produzir obras e registros comercializáveis. Hoje em dia, sabemos que a presença em si – mais ainda neste mundo virtualizado – é uma obra de arte. A arte contemporânea, em suas últimas tendências, se mostra muito interessada neste assunto, investigando as energias, as suas junções, as aglomerações quânticas que elas podem produzir, as sincronicidades involuntárias, a entropia... A arte contemporânea, como sabemos, se inscreve no domínio da liminaridade. Como sublinha o Teórico alemão Gumbrecht e como podemos observar nos espaços reservados à arte, toda obra de arte oscila entre uma produção de sentido e uma produção de presença. Toda obra de arte é uma travessia da realidade, uma exploração das sensações, uma busca pela presença. Sempre mais, o grande assunto da arte contemporânea é a presença. Como o explica Nicolas Bourriaud e como o mostram as obras de FrancysAlÿs ou Tiravanija, muito mais do que a produção de objetos ou de sentido, o que importa é de estar presente. Pela presença, criamos fios invisíveis que nos ligam neste desejo compartilhado de estarmos juntos habitando o mundo. Como vocês e eu, nas circunstâncias criadas por esta ocasião, neste exato momento. Mais uma vez, obrigada. É nosso vínculo que importa, muito mais do que o que poderão pensar sobre o meu trabalho.

Meu trabalho inteiro tem por meta restabelecer uma primazia da produção de presença dentro de uma cultura racionalista dominada pela cultura de sentido. É por este motivo que estou particularmente feliz de apresentar meu trabalho em um Congresso de Filosofia. Sempre mais, a filosofia – mas também outros campos do conhecimento e isto, graças à pesquisadores como Charles Feitosa, criador da filosofia pop, que me fez este convite – deixa o mundo dos livros para se interessar no cotidiano, buscando investigar os fenômenos do dia a dia em sua complexidade, assim como as contradições que o habitam.

O meu desejo de chamar a atenção dos homens sobre as ilusões e mentiras da sociedade contemporânea foi o que me conduziu a prolongar as minhas pesquisas iniciadas no meu Doutorado em 2004 durante esta experiência insólita. A liminaridade e mais especificamente as corporeidades liminares sempre foram o mais chamou minha atenção.

Por este motivo, faz quatro anos agora (estou indo para o quinto ano) que decidi que ia mostrar meu rosto somente em galerias de arte e exposições. Nesta mistura arte/vida já anunciada por Allan Kaprow, decidi assumir todos os riscos ligados à esta experiência e de realizá-la durante um período de cinco anos. A experiência como um todo irá terminar no dia 30 de junho de 2015.

O impulso inicial deste trabalho me foi dado quando descobri o trabalho de TehchingHsieh no seu *One-Year-Performance-Project*. Neste projeto, o artista passou, por exemplo, um ano sem entrar em espaços com tetos, vivendo na rua em espaços abertos continuamente. Outro ano, ele ficou vivendo dentro de uma gaiola.

Quando descobri o trabalho de TehchingHsieh – que, por acaso, também é um dos performers que servem de referência para Marina Abramovic -, me senti profundamente tocada. Decidi então, como ele, iniciar uma performance duracional. Dentro deste projeto, quero investigar e ultrapassar os limites e fronteiras do meu corpo para explorar o espaço da liminaridade, esta corporeidade que não se resume ao corpo físico, este estado no qual sempre nos encontramos maior parte do tempo, mas sem estarmos conscientes.

A maior parte das coisas que imaginamos são mais interessantes no imaginação do que na realidade. A maior parte dos corpos que vemos possuem uma potência superior a esta que vemos. A questão da presença é um fenômeno complexo.



A conferencista e sua tradutora na mesa do evento, Audio -visual CLA-UNIRIO, 23 de maio de 2013 Foto: arquivo

Durante muito tempo, principalmente no teatro, dedicamos nossos estudos a técnicas que servem para preparar o corpo físico dos atores. Da mesma forma, nas artes visuais, a presença física do artista ocorreu de forma tardia. Porém, sabemos que a realidade é complexa e implica que a gente se misture profundamente a ela, apagando fronteiras, para que

possamos em seguida recriá-la. Um corpo sempre ultrapassa sua própria aparência. Um corpo é sempre mais do que um corpo.

Quando iniciei este meu corpo a corpo com a realidade neste projeto que já dura mais do que 4 anos, entendi que quando eu me desnudava para mostrar o meu rosto nas galerias de arte – este rosto do qual Lévinas fala tanto -, meu objetivo não era criar um novo artifício dentro de um mundo que abunda de artifícios. Ao contrário: deixar o espaço da rua, onde eu trabalhava antes, para adentrar espaços fechados como o museu, a galeria ou a sala de conferências me permitiu renunciar a uma estetização que segue os códigos estéticos do “contemporâneo”, ditados pelos países da Europa e pelos Estados-Unidos para transportar minha vida, meu corpo, meu estado natural com o conjunto de ficções por ele narrado para dentro dos espaços artísticos e das Universidades. Vocês, evidentemente, sabem que aqui no Brasil, quando vocês participam dos grandes eventos de arte contemporânea como as Bienais e as Feiras de Arte, vocês tem que produzir um pequeno “flavour”, um aroma específico para que vocês possam se destacar por uma pequena especificidade, mas sempre respeitando os códigos da arte contemporânea, ditados pelos países que dominam o planeta. Eu decidi fazer o contrário. E contra esta tendência que minha obra inteira se inscreve. Apresentando minha verdade, luto contra a mentira e contra as ficções do mundo da arte e do mundo de uma forma geral.

Vivemos cercados de mentira, é o que eu pretendo revelar. Paradoxo? Ironia? Por motivos de tempo, não entrarei na análise destes procedimentos característicos da arte contemporânea.

Coincidentemente, no mesmo ano em que comecei este projeto, em 2010, Marina Abramovic iniciou sua performance intitulada “The Artist is present” no MOMA, em New York. Seu objetivo declarado era gerar presença. Trabalhamos durante meses uma ao lado da outra, sem nos conhecermos, apenas unidas pelo mesmo objetivo da presença como verdade última. No mesmo tempo, o famoso performer uruguaio, Juan Carlos de la Sierra, percorria o mundo escondido dentro de uma caixa para mostrar a invisibilidade do seu país de origem no mundo da arte.

Me apresentei em muitas galerias e mostras de arte desde 2010, porém, sem vestido vermelho, sem caixa, sem artifício nenhum. Era

suficiente para os espectadores saberem que eu iria descobrir meu rosto e mostrar minha última verdade.

Desnudar-me significa para mim desnudar a arte contemporânea, composta por técnicas, artifícios, códigos internacionalizados, mentiras que se inscrevem na lógica capitalista, também denunciada por artistas como Santiago Sierra, com quem colaborei na última Bienal de Veneza.

Não nego minhas filiações com o movimento Cobra nem com o movimento situacionista, acredito mesmo que toda arte é contextual, como o sublinha Paul Ardenne. Toda arte nasce de uma situação específica, toda obra é gerada em função de um contexto, em função de determinada situação.

Toda obra é um desvio.

Toda obra, ao mesmo tempo que pretende ser uma última verdade, é o mesmo tempo uma mentira – como pudemos observar na última Bienal de Londres, que tinha por temática a espiritualidade, assunto sempre mais explorado no mundo da arte.

Quando os espectadores vão para as galerias para ver meu rosto, eles alimentam a esperança de finalmente ver a realidade. Eu tenho vontade de dizer para eles que a realidade não existe. Nossa vida é cheia de ficções nas quais fingimos que acreditamos.

Todo discurso é um discurso construído.

Todo passo em direção à realidade é uma nova ficção.

Quando descobrimos que o que achávamos que era a realidade era uma mentira, podemos nos sentir enganados. Trata-se de um sentimento ilusório, gerado pela crença em um “ego” que não existe. É importante entendermos que a “realidade” não existe. Isto tudo é uma grande ilusão que serve apenas para que a gente aprenda alguma coisa.

Por exemplo, eu: eu sou somente uma ficção - é o que os espectadores percebem de forma intuitiva quando olham para o meu rosto. Meu rosto não tem nada de extraordinário. É apenas um rosto virado em direção ao céu.

Como diz Michel de Certeau, nossa maior riqueza é de saber inventarmos nosso cotidiano.

Construindo nosso caminho no mundo, aprendemos a habitá-lo junto de forma harmoniosa, como já dizia Barthes – e se não me engano, tal era também o tema da penúltima Bienal de São Paulo.

Para isto, temos por aliados a arte, a ficção, o amor, vestígios de resistência contra os afetos tristes dos quais nos fala Espinosa.

A arte como resistência, como maneira de resistir a dominação dos valores mercantilistas.

Nosso corpo nos permite nos transformar e auxiliar os outros em suas próprias transformações.

Não irei expor meu rosto hoje.

Como seres humanos, temos o poder de criarmos ficções que nos revelam e realidades que nos escondem.

Eu pessoalmente desejo revelar as ficções deste mundo cruel contemporâneo, e do mundo de uma forma geral.

Para isto, irei tão longe quanto necessário.

Irei me revelar de forma definitiva em junho de 2015, durante uma última performance.

Até lá, irei continuar a estabelecer pontes invisíveis entre os seres humanos.

Este é minha oferenda para o mundo, o que posso oferecer de forma mais sincera.

Trata-se de um movimento do entre, um movimento liminar que conduz ao fato que você e eu – e por aí, todos os seres humanos -, possamos nos aproximar o máximo possível de nossas verdades mútuas que se revelam no encontro.

Minha performance é um ato de amor, uma oferenda no altar de nossas crenças pós-modernas.

Meu corpo é apenas o veículo, como já dizia Grotowski.

Meu sonho é muito maior e graças ao nosso encontro, posso finalmente realiza-lo de forma tangível e podemos compartilhar este sonho, aqui e agora.

Muito obrigada.

Julie Amanty, Paris VIII

CORPOREITES LIMINAIRES : UNE CONFERENCE PERFORMATIVE

Chers spectateurs et peut-être amis, bonjour,

Je voulais tout d'abord vous remercier d'avoir bien voulu m'inviter à cet événement important, dans cette ville magnifique qu'est la ville de Rio de Janeiro.

Même si je ne verrai hélas pas la ville et qu'elle ne me verra pas, c'est un plaisir de percevoir son énergie ainsi que celle de ses habitants, si généreux et ouverts. Je sens, dans cette ville, une radiation énergétique que je n'ai pas ressentie dans les autres villes par lesquelles je suis passée au cours des dernières années, ni à San Francisco, ni dans les autres pays d'Europe dans lesquels j'ai été invitée. Bien au-delà des problèmes sociaux, de l'insécurité et d'inflation des prix, je perçois une très belle énergie qui ne me fait pas regretter d'être venue.

Je voulais également remercier les organisateurs de cet événement qui nous rassemble autour de sujets si chers à nous tous et qui nous réunissent au-delà des frontières artificielles qui séparent nos pays et nos corps.

Je m'appelle Julie Amanty, je suis enseignante-chercheuse à Paris VIII et je m'intéresse depuis mon doctorat aux corporéités liminaires. Quelle est la densité de notre corps ? Son poids de vérité ? Quel est son secret qui émane au-delà des apparences ? Quelles sont les fictions racontées par nos cellules, notre peau, cet espace de l'entre-deux, fine couche qui sépare l'intérieur de l'extérieur, la réalité de la fiction ?

Voici quelques unes des questions qui ont été à l'origine de la recherche que j'ai entreprise il y a quelques années maintenant.

Je suis Française et la France, comme vous n'êtes pas sans le savoir, est un pays où règne une culture basée sur la production de sens. Notre pays est le siège du rationalisme qui a engendré le classicisme, notre pays est le pays de Descartes – même si nous savons que le Descartes que nous connaissons n'existe pas – mais enfin, tel n'est pas mon sujet aujourd'hui.

Depuis longtemps, bien évidemment, l'art contemporain a dépassé le temps des règles classiques, des règles en général et même le temps des

règles dictées par la Modernité, y compris celle qui consiste à produire des œuvres et des registres commercialisables. Aujourd'hui, nous savons que la seule présence est une œuvre d'art. L'art contemporain, dans ses dernières tendances, s'intéresse justement à cela : aux énergies, à leur jonction, aux agglomérations quantiques qu'elles peuvent produire, aux synchronicités involontaires, à l'entropie... L'art contemporain, comme nous le savons, s'inscrit dans le domaine de la liminarité.

Comme le souligne le théoricien allemand Gumbrecht et comme nous pouvons si bien l'observer dans les espaces réservés à l'art, toute œuvre d'art oscille entre une production de sens et une production de présence. Toute œuvre d'art est une traversée de la réalité, une exploration des sensations, une quête de présence. De plus en plus, le grand sujet de l'art contemporain est justement la présence. Comme l'explique si bien Nicolas Bourriaud et comme le montrent les œuvres d'art de Francys Alÿs ou Tiravanija, bien plus que la production d'objets ou de sens, ce qui importe est d'être présent. Par la présence, nous créons des fils invisibles qui nous relient dans cette velléité partagée d'être ensemble au monde. Comme vous et moi, dans les circonstances créées par cette occasion, à ce moment précis. Merci encore. C'est notre lien qui m'importe, bien plus que ce que vous pourrez penser de mon travail.

Mon parcours entier s'inscrit dans l'idée de redonner une prépondérance à la production de présence dans une culture rationaliste dominée par la culture du sens. C'est pour cela que je suis tout particulièrement heureuse de présenter mon travail dans un congrès de philosophie. De plus en plus, la philosophie en particulier – mais aussi de nombreux autres champs du savoir, grâce à la contribution de chercheurs comme Charles Feitosa, créateur de la philosophie pop, qui m'a convié à cet événement – quitte les livres pour s'intéresser aux faits du quotidien, cherchant à connaître les phénomènes dans leur complexité, ainsi que les contradictions qui les habitent.

Le désir d'attirer votre attention sur les illusions et mensonges de la société contemporaine est ce qui m'a conduite à prolonger les recherches entreprises lors de mon doctorat en 2004 au cours de cette expérience

insolite. Le liminaire et spécifiquement les corporéités liminaires sont ce qui m'a toujours passionnée.

Pour cette raison, depuis quatre ans maintenant – j'entame ma cinquième année –, j'ai décidé de montrer mon visage uniquement dans des galeries d'art ou dans des expositions spécifiques. Dans ce mélange d'art/vie déjà prôné par Allan Kaprow, j'ai décidé d'assumer tous les risques liés à cette expérience et de la mener à terme à l'issue d'une période de cinq ans. Je terminerai cette expérience le 30 juin 2015.

L'impulsion initiale m'a été donnée lorsque j'ai pris connaissance des expériences de Tehching Hsieh dans le cadre de son One-Year-Performance-Project Il s'agit de ces expériences au cours desquelles il a passé, par exemple, une année sans entrer dans un espace avec des plafonds ou des toits, vivant dans la rue de manière continue et une autre année entière enfermé dans une cage.

Lorsque j'ai découvert le travail de Tehching Hsieh – qui, par ailleurs, est également l'un des performers auxquels Marina Abramovic se réfère souvent –, j'ai été profondément ébranlée. J'ai décidé alors, moi aussi, d'entreprendre un projet de longue durée. J'ai voulu explorer et dépasser les limites et frontières de mon corps pour explorer cet espace liminaire, cette corporéité qui ne se limite pas au corps physique, cet état dans lequel nous nous trouvons toujours, mais la plupart du temps, sans le savoir.

La plupart des choses que nous imaginons sont plus intéressantes dans l'imaginaire que dans la réalité. La plupart des corps que nous voyons possèdent une puissance supérieure à celle que nous voyons. La vraie présence est un phénomène complexe.

Longtemps, principalement en théâtre, nous avons consacré nos études à des techniques qui servent à entraîner le corps physique des comédiens. Dans les arts visuels également, la présence corporelle de l'artiste a été tardive. Or, nous savons bien que la réalité est complexe et implique que fusionnions complètement avec elle pour la créer. Ce que nous voyons n'est jamais ce qui est. Le corps dépasse toujours ses propres apparences. Un corps est toujours plus qu'un corps.

Lorsque j'ai entamé mon propre corps à corps avec la réalité, qui dure depuis quatre ans maintenant, j'ai compris que lorsque je me dénudais

et que je présentais mon visage – ce visage si cher à Lévinas - dans les galeries d'art, mon objectif n'était pas de créer un nouvel artifice dans un monde qui en regorge. Au contraire : passer de la rue, où je travaillais auparavant, à l'espace fermé du musée, d'une salle de conférence ou de la galerie d'art en général, m'a permis de renoncer à une esthétisation qui suit les codes esthétiques du « contemporain », dictés par les pays d'Europe et les Etats-Unis et de transporter ma vie, mon corps, mon état naturel avec l'ensemble de fictions qu'il raconte, à l'intérieur des espaces artistiques et des Universités. Vous n'êtes pas sans savoir qu'ici, au Brésil, lorsque vous participez aux événements internationaux que sont les Biennales ou les Foires d'Art, vous devez produire une petite « flavour », un arôme spécifique pour vous aligner sur les codes de l'art contemporain dictés par ceux qui gouvernent la planète, tout en produisant votre caractéristique spécifique. J'ai décidé de faire le contraire. C'est contre cette tendance que mon œuvre s'insurge. En présentant ma vérité, je lutte contre le mensonge et toutes les fictions du monde de l'art et du monde en général.

Nous sommes entourés de mensonge, c'est ce que je prétends révéler. Paradoxe ? Ironie ? Pour des motifs de temps, je n'entrerai pas dans l'analyse de ces procédés qui sont au cœur de l'art contemporain.

Par coïncidence, l'année même où j'ai commencé ce projet, en 2010 Marina Abramovic a initié sa performance « The Artist is Present » au MOMA, à New York. Sa présence seule était l'objectif affirmé de la performance. Nous avons travaillé côte à côte, sans nous connaître, pendant des mois, réunies par le même objectif de la présence comme ultime vérité. En même temps, Juan Carlos de la Sierra, célèbre performer d'Uruguay, parcourait le monde caché dans un carton pour montrer l'invisibilité de son pays d'origine dans le monde de l'art.

De mon côté, je me suis présentée dans de nombreuses galeries dès 2010, mais sans robe rouge, sans carton, sans aucun artifice. Il suffisait aux spectateurs de savoir que j'allais découvrir mon visage et montrer mon ultime vérité.

Se dénuder pour moi consiste à dénuder l'art contemporain, composé de techniques, d'artifices, de codes internationalisés, de mensonges qui s'inscrivent dans une logique capitaliste que dénoncent également des

artistes comme Santiago Sierra, avec qui j'ai collaboré lors de la dernière Biennale de Venise.

Je ne nie pas mes filiations avec le mouvement Cobra ni avec le mouvement situationniste, je crois que tout art est profondément contextuel, comme le montre Paul Ardenne. Tout art naît d'une situation spécifique, toute œuvre est créée en fonction d'un contexte, en fonction d'une situation donnée.

Toute œuvre est un détournement.

Toute œuvre, en même temps qu'elle se prétend être une ultime vérité, une transcendance, est en même temps un mensonge – comme nous avons pu le voir lors de la dernière Biennale de Londres, consacrée à la spiritualité, sujet de plus en plus en vogue dans le monde de l'art.

Quand les spectateurs se rendent dans les galeries pour voir mon visage, ils s'attendent à voir enfin la réalité. J'ai envie de leur dire que la réalité n'existe pas.

Notre vie est remplie de fictions auxquelles nous faisons semblant de croire. Toute soi-disant réalité est un discours construit.

Tout pas vers la réalité est une nouvelle fiction.

Quand nous découvrons que ce que nous prenions pour la réalité était en fait une fiction, nous pouvons nous sentir trompés. Il s'agit d'un sentiment illusoire, alimenté par la croyance en un égo qui serait important. L'important, pourtant, est de comprendre que la « réalité » n'existe pas. Cette grande illusion sert à peine pour que nous apprenions quelque chose.

Moi-même, par exemple, je ne suis qu'une fiction – c'est ce que les spectateurs perçoivent intuitivement lorsqu'ils voient mon visage. Mon visage n'a rien d'extraordinaire.

C'est à peine un visage tourné vers le ciel.

Comme l'affirme Michel de Certeau, notre plus grande richesse est de savoir inventer notre quotidien.

En nous frayant un chemin dans le monde, nous apprenons à l'habiter ensemble de manière plus harmonieuse, comme le disait déjà Roland Barthes – si je ne me trompe pas, tel était aussi le thème de l'avant-dernière Biennale de Sao Paulo.

Pour ce faire, nous avons pour alliés l'art, la fiction, l'amour, vestiges de résistance contre les affects tristes dont nous parle Spinoza.

L'art est un moyen de résistance, une manière de résister à la domination des valeurs mercantilistes.

Notre corps nous permet de nous transformer et de transformer continuellement les autres.

Je ne montrerai pas mon visage aujourd'hui.

En tant qu'êtres humains, nous avons le pouvoir de créer des fictions qui nous révèlent et des réalités qui nous cachent.

Pour ma part, je souhaite révéler les fictions de ce monde cruel qu'est le monde de l'art contemporain et le monde en général.

Et pour ce faire, j'irai aussi loin que possible.

Je ne me dénuderai définitivement qu'en juin 2015 lors d'une ultime performance.

D'ici l à, je continuerai à établir des ponts invisibles entre les êtres humains.

C'est cela, mon offrande au monde, ce que j'ai à offrir de plus sincère.

Il s'agit d'un mouvement de l'entre-deux, un mouvement liminaire qui tend à ce que vous et moi – et par cela, tous les humains – nous nous approchions au plus près pour connaître nos vérités mutuelles qui se révèlent lors de notre rencontre.

Ma performance est un acte d'amour, une offrande sur l'autel de nos croyances pós-modernes. Mon corps est un moyen, comme le disait si bien Grotowski.

Ce dont je rêve est bien plus grand et grâce à notre rencontre, je peux enfin le rendre tangible et nous pouvons le vivre, ici et maintenant.

Je vous remercie de votre attention.

Referências bibliográficas

ARDENNE, Paul. *Un art contextuel – Création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation*. Paris: Flammarion, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *The Individualized Society*. Cambridge: Polity, 2001.

BISHOP, Claire. *Artificial Hells: participatory art and the politics of spectatorship*. New York: Verso, 2012.

BISHOP, Claire. *Participation - documents of contemporary art*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicant*. Paris: Denoel, 1999.

GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus Editora, 2012.

GUMBRECHT, Hans. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

JACKSON, Shannon. *Social works: performing arts, supporting publics*. New York: Routledge, 2011.

KESTNER, Grant. *The One and the Many: Contemporary Collaborative Art in a Global Context*. Durham: Duke University Press Book, 2011.

LEMOINE, Stéphanie e OUARDI, Samira. *Artivisme - art, action politique et résistance culturelle*. Paris: Editions Alternatives, 2010.

THOMPSON, Nato. *Living as form: socially engaged art from 1991 to 2012*. Cambridge: The Mit Press, 2012.

O texto desta "palestra" foi proferido no "I Simpósio Internacional de Filosofia pop: corpos, imagens e culturas híbridas", na mesa de abertura no dia 23 de maio, na UNIRIO. Na mesa, Tania Alice traduziu a palestra da performer e pesquisadora fictícia Julie Amanty de Paris VIII, que leu o texto com rosto enfaixado, apresentando sua performance duracional de 5 anos em uma palestra que reflete sobre a inscrição da performance no universo da arte contemporânea, abordando questões do mercado da arte, da relação entre ficção e realidade, questões da filosofia e da arte da performance. A palestra/performance como um todo foi concebida, realizada e escrita por Tania Alice.

Tania Alice é performer, artista-pesquisadora do NEPAA (Núcleo de Estudo das Performances Afro-Ameríndias), professora de Atuação Cênica (Performance) da Graduação e da Pós-Graduação da Escola de Teatro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Apresentou seu trabalho artísticos em inúmeros eventos nacionais e internacionais, como no MAC/Niterói, no Museu de La Ciudad de México e em Los Angeles, onde foi professora visitante na Cal Arts pela Capes /Fulbright em 2013. As palestras-performances fazem parte de suas atividades de pesquisa artística, que buscam unir projeto estético, social, terapêutico, pedagógico e ritualístico.